

* 9 AGO 1981

Velloso: País precisa de economia de mercado moderna

— Se a desaceleração econômica tivesse ocorrido há 15 anos, certamente as empresas não teriam suportado tão bem essas dificuldades e os problemas teriam sido muito mais sérios para o setor empresarial nacional. Até agora, não houve calamidade, o que mostra que as empresas estão mais fortes e resistentes do que antes — afirma o ex-ministro do Planejamento, João Paulo dos Reis Velloso.

Segundo Reis Velloso, os últimos governos fizeram um grande esforço para fortalecer a economia nacional. Ele destacou especialmente o governo Geisel, que usou o Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico para aplicar uma agressiva política de fortalecimento da empresa nacional, basicamente em insumos básicos e bens do capital.

POSICIONAMENTO

— Considero-me — diz Velloso — progressista, social e economicamente. A favor de uma economia de mercado moderna, que permita a participação de todos e dê condições de se acabar com a pobreza do Nordeste. Sempre fui muito preocupado com a transferência de tecnologia e considero que há um forte inter-relacionamento entre planejamento e uma sociedade pluralista. Apoio a tese de Lindblom, de que as democracias representativas só se consolidam nas economias de mercado, não em todas elas, mas somente nelas.

Para Reis Velloso, o maior problema que o Brasil enfrenta, no momento, é o de demonstrar a competência política, pois a econômica já foi demonstrada, segundo ele.

— Temos de mostrar nossa competência política para fazer a abertura sem descambiar para a demagogia populista. Não se pode pretender conquistar votos com promessas que levam um país à banca. A pobreza se combate com maior desenvolvimento econômico e melhor distribuição de renda.

PROBLEMAS

Reis Velloso concorda que o Brasil tem a enfrentar grandes problemas, e cita a questão do petróleo, o balanço de pagamentos e a inflação entre eles.

A pergunta se tais males seriam decorrência de atos ou omissão do governo Geisel, responde o ex-ministro:

— No Governo passado, tivemos a opção de fazer a recessão mas a rejeitamos. Achávamos e, com razão, que devia ser apenas reduzido o ritmo de crescimento, pois o choque do petróleo nos afetaria por muitos anos e a recessão só resolveria a questão por um determinado ano. Quando tentássemos novamente crescer, encontrariamos os mesmos problemas. Em vez de optar pela fácil recessão, o presidente Geisel optou por uma política que já está dando resultados, a de apoio aos insumos

básicos, à siderurgia, setor de não ferrosos, fertilizantes, construção naval e outros. Em todos, houve resultados — reitera Velloso.

Destacou que, em 1974, as importações foram de US\$ 12 bilhões e que US\$ 10 bilhões foram de importações fora-petróleo. Explica que, se as importações fora-petróleo não fossem reduzidas, estariam hoje a um nível insuportável, se levado em conta um crescimento de 10,20 ou 30 por cento ao ano. Em 1980, as importações foram de US\$ 21 bilhões e, excluído o petróleo, ficaram em torno de US\$ 11 bilhões, o que mostra um claro êxito em sua contenção e substituição por produção nacional. Levando-se em conta, ainda, que houve valorização do dólar e inflação externa, as importações fora-petróleo poderiam atingir altíssimos níveis, se o Governo Geisel não houvesse criado os programas de substituição de importações, pois o País, nesse período, cresceu mais de 50 por cento.

— Fez-se um esforço na área energética, com álcool, exploração da bacia de Campos e usinas hidrelétricas, para podermos mudar nosso quadro energético. O preço que pagamos foi o aumento da dívida externa, como bem mostrou, recentemente, Delfim Netto. A desaceleração econômica já começou no Governo anterior, ao contrário do que muitos dizem. Agora, chegou o momento de se controlar o endividamento externo, de se fazer um crescimento mais lento da dívida.